



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

SAÚDE E AMBIENTE

ISSN IMPRESSO 2316-3313

E-ISSN 2316-3798

DOI 10.17564/2316-3798.2016v4n2p9-18

RISCOS SOCIOAMBIENTAIS DO BENEFICIAMENTO DA CASTANHA DE CAJU NO POVOADO CARRILHO-SE

SOCIO-ENVIRONMENTAL RISKS OF PROCESSING OF CASHEW NUTS IN VILLAGE CARRILHO-SE
RIESGOS AMBIENTALES DE LA BENEFICIACIÓN DEL ANACARDO EN EL PUEBLO DE CARRILHO-SE

Carolina Seixas da Rocha¹
Katiane dos Santos Costa³
Zenith Nara Costa Delabrida⁵

Joelma Santos Araújo²
Lucas Ribeiro Rocha⁴

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo principal apresentar um levantamento das queixas dos moradores do povoado Carrilho em relação à saúde. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa de cunho exploratório-descritivo, optando-se por uma metodologia qualitativa conjugada a uma quantitativa. Inicialmente, foi realizada a observação direta das etapas do beneficiamento, as quais foram documentadas nos diários de campo. Já para documentar as queixas de saúde, foram feitas entrevistas com duas agentes de saúde da comunidade e onze idosos que relataram as doenças mais comuns no povoado. Também foram aplicados questionários a respeito das queixas de saúde com 44 moradores, sendo a maioria do sexo feminino (86,4%). Desse total, 77,5% trabalham com o beneficiamento da castanha e apenas 22,7% possuem outras atividades. As queixas mais citadas pelos entrevistados foram “dor na coluna” (84,1%) e “dor de cabeça” (75%). Em ambas, os participantes especificaram que a dor se mantinha mes-

mo depois do período de labor. O uso regular de fármacos para o tratamento de doenças crônicas não transmissíveis foi exposto por 22 sujeitos, sendo a doença mais citada a Pressão Alta (31,8%), seguida das doenças respiratórias crônicas (29,5%). Concluiu-se que a atividade de beneficiamento da castanha, tal qual é realizada no povoado Carrilho, pode expor a comunidade a uma situação de risco socioambiental, uma vez que parece ser realizada em um ambiente insalubre e impróprio para o bem-estar dos seus trabalhadores, mas não é claro a sua relação com os acometimentos de saúde relatados.

PALAVRAS-CHAVE

Riscos Socioambientais. Problemas de Saúde. Comunidade Rural. Doenças Crônicas Não-Transmissíveis.

ABSTRACT

This research had as main objective to present a survey of complaints from Carrilho villagers in relation to health. In this sense, an exploratory and descriptive nature of research was carried out, it was opted for a qualitative methodology allied to quantitative methodology. Initially, the direct observation of the processing steps was performed, which were documented in field diaries. In order to document health complaints, interviews were conducted with two community health workers and eleven elderly who reported the most common diseases in the village. Also questionnaires were given about the health complaints with 44 residents, most of them female. Of this total, 77.5% works in the processing of chestnuts and only 22.7% have other activities. The most cited complaints said by respondents were “backache” (84.1%) and “headache” (75%). In both subjects specified that the pain is

maintained even after the work period. Regular use of drugs for the treatment of chronic diseases was exposed for 22 subjects, the most cited illness was “High Pressure” (31.8%), followed by chronic respiratory diseases (29.5%). We conclude that the cashew nut processing activity, as it is held in the village Carrilho, may expose the community to an environmental risk, since it seems to be held in an unhealthy and unfit environment for the well-being of its workers but it is not clear its relation to the reported health affections.

KEYWORDS

Environmental risks. Health problems. Rural community. Chronic Diseases Non Communicable.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo presentar un estudio sobre las quejas de los habitantes del pueblo de Carrilho en relación a la salud. La investigación fue realizada con un carácter exploratorio y descriptivo, adoptando una metodología cualitativa conjugada a una cuantitativa. Inicialmente se realizó una observación directa de las etapas de beneficiación de la castaña de caju, las cuales fueron documentados en diarios de campo. Para documentar las quejas de salud fueron realizadas encuestas a dos agentes de salud pública de la comunidad y a once ancianos que reportaron las enfermedades más comunes en el pueblo. También se aplicó un cuestionario acerca de los problemas de salud a 44 habitantes, la mayoría de ellos mujeres (86,4%). De ese total el 77,5% trabajan en el procesamiento de la castaña y solo el 22,7% desempeñan otras actividades. Las quejas más frecuentes de los entrevistados fueron “dolor de espalda” (84,1%) y “dolor de cabeza” (75,0%). Ambos grupos especificaron

que el dolor se mantiene incluso después del periodo de trabajo. Fue mencionado por veintidós entrevistados la utilización regular de medicamentos para el tratamiento de enfermedades crónicas no transmisibles, siendo la hipertensión arterial la más citada (31,8%), seguida de las enfermedades respiratorias crónicas (29,5%). Llegamos a la conclusión de que la actividad de procesamiento de la castaña, ya que se realiza en el pueblo Carrilho, puede exponer a la comunidad a un riesgo ambiental, ya que parece que se entorno en un ambiente insalubre y impropio para el bienestar de sus trabajadores pero no está claro su relación con las afecciones de salud reportados.

PALABRAS CLAVES

Riesgos medioambientales. Problemas de salud. Comunidad rural. Enfermedades Crónicas No Transmisibles.

1 INTRODUÇÃO

Grande parte da castanha de caju produzida no estado de Sergipe é beneficiada no Carrilho, um povoado situado no agreste sergipano. Apesar de esse produto não ser destaque nas exportações sergipanas, mais da metade dessa comunidade, que compreende cerca de 200 famílias, depende unicamente da atividade de beneficiamento de castanha para subsistência. Além das poucas alternativas de renda, as instituições que funcionam como fator protetivo são escassas no povoado, de forma que podemos afirmar que esse local encontra-se em uma situação que sugere vulnerabilidade social.

O Carrilho possui uma escola municipal para crianças do primeiro ao nono ano e um posto de saúde que é aberto todos os dias onde atua a equipe do Programa da Saúde da Família (PSF), mas somente as duas agentes de saúde e uma técnica em enfermagem estão presentes a semana inteira, pois a médica e a enfermeira realizam o atendimento apenas um dia na semana. É importante destacar que, apesar de haver sistema de abastecimento de água e energia, não existem outros serviços de saneamento básico, como tratamento de esgoto, coleta de lixo ou manejo de águas pluviais.

Somada às dificuldades econômicas e aos problemas supracitados que fazem parte do cotidiano da comunidade, a própria atividade de beneficiamento, realizada de modo manual e familiar pelos trabalhadores, é capaz de agravar esse quadro principalmente por expor os trabalhadores a riscos de saúde e a possíveis acidentes de trabalho. Como já foi explanado, e posteriormente será retomado, essa população parece estar em uma situação de risco socioambiental.

Sendo pouco explorado pela literatura o modo de beneficiamento manual da castanha (JESUS; SANTOS, 2012) e escassos os dados a respeito de aspectos relacionados à saúde desses trabalhadores (CABRAL, 2010; GALVÃO, 2011; COSTA ET AL., 2002), o presente

artigo pretende, portanto, contribuir para a descrição da atividade e para as investigações a respeito dos riscos aos quais essa população pode estar exposta.

Em relação aos riscos referentes à atividade de beneficiamento da castanha, a literatura, como já dito, é escassa e, em geral, está centrada em dois temas: na ação dos resíduos da castanha na saúde do trabalhador (CABRAL, 2010; GALVÃO, 2011; COSTA ET AL., 2002) e na precariedade presente em tal atividade laboral. Isso evidencia a questão da ausência de políticas públicas e da insalubridade do trabalho, o qual expõe a população a riscos diversos (JESUS; SANTOS, 2012).

Tratando-se especificamente do Povoado Carrilho, de acordo com Jesus e Santos (2012), sabe-se que é a população que trabalha artesanalmente a que está em uma maior situação de risco socioambiental, ou seja, a forma como a castanha é beneficiada pelas famílias na comunidade demanda um uso do ambiente físico e uma organização social bem característica. Esse funcionamento parece gerar prejuízos para o ambiente físico e, também, para os indivíduos.

Galvão (2011) e Cabral (2010) realizaram experimentos para avaliar o potencial de toxicidade em células associado à queima da castanha de caju e à sua capacidade de provocar mutações ao material genético. Ambos os autores encontraram resultados que indicam a gravidade da atividade para a saúde do trabalhador, uma vez que foi constatada a presença de contaminantes com potencial genotóxico, isto é, substâncias capazes de provocar danos à molécula do DNA (CABRAL, 2010). As altas concentrações de material particulado (MP) e de *Black Carbon* (BC) que foram encontradas na fumaça proveniente da queima da castanha, que possuía também, inclusive, metais pesados, podem ser associadas ao câncer e a doenças cardiovasculares (CABRAL, 2010).

Cabral (2010) também atenta para o fato de que não só as pessoas que trabalham diretamente com o beneficiamento são afetadas pela fumaça, visto que tais poluentes podem se dispersar pela atmosfera.

Assim, tem-se que a forma como a castanha é beneficiada pelas famílias em Sergipe demanda um uso do ambiente físico e uma organização social bem característica. No entanto, esse funcionamento parece gerar prejuízos para o ambiente físico e os indivíduos. Apesar de o risco ser claro para pessoas alheias a esse ambiente, ainda não se sabe como eles afetam a saúde da população, nem como esta percebe e lida com esses riscos.

Portanto, acredita-se que, entendendo o modo de organização do trabalho e as principais queixas da população, podemos iniciar a investigação de como os beneficiadores percebem o risco da atividade que exercem. Dessa forma, este artigo teve como principal pretensão apresentar um levantamento das queixas da comunidade em relação à saúde. Hipotetizou-se que os acometimentos de saúde poderiam ser um indicador da insalubridade da atividade de beneficiamento e que poderiam favorecer o entendimento do risco socioambiental ao qual essa comunidade está exposta.

2 MÉTODO

O estudo em questão configura-se como uma pesquisa de cunho exploratório-descritivo, na qual se optou por uma metodologia qualitativa conjugada a uma quantitativa (HESSE-BIBER; JOHNSON, 2015). A pesquisa foi realizada no povoado Carrilho que está localizado a seis quilômetros da cidade sede do município de Itabaiana, no estado de Sergipe, com uma população de cerca de 900 habitantes. Grande parte do povoado trabalha com o beneficiamento da castanha de caju, no entanto, este não foi um requisito para participar da pesquisa.

O estudo foi executado nos meses de abril, maio, junho e julho de 2015 com idas semanais da equipe

de pesquisa. Os dias escolhidos para as visitas foram quartas e sextas-feiras, alternando-os semanalmente, durante o período da manhã. Para a análise dos dados referentes às queixas de saúde, foi realizada a análise descritiva da frequência dos dados.

Os dois primeiros meses da pesquisa foram utilizados para estabelecer os primeiros contatos com a comunidade e fortalecer os vínculos com moradores da região. A partir disso, identificaram-se determinadas peculiaridades na dinâmica da comunidade que foram essenciais para se construir uma estratégia eficiente de abordagem dos sujeitos. No final do segundo mês, foram visitados seis locais de beneficiamento para a descrição da atividade. Tal processo foi documentado em material fotográfico e audiovisual, além de descrito pelas pesquisadoras em diários de campo.

Para identificar os aspectos relacionados à saúde dos beneficiadores foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas agentes de saúde do povoado a fim de investigar a incidência das doenças que poderiam estar associadas ao beneficiamento da castanha (CABRAL, 2011; GALVÃO, 2010; ARBEX ET AL., 2004), além da ocorrência de acidentes de trabalho também associados a essa atividade.

Em um segundo momento 11 idosos do povoado que já trabalharam com o beneficiamento da castanha foram entrevistados, objetivando-se identificar os riscos da atividade em longo prazo. Como essa parcela idosa da população, na maioria dos casos, já está aposentada, o contato era feito dentro de suas próprias residências. A princípio, havia uma breve explicação sobre o objetivo da entrevista. Após isso, esta era feita deixando-os à vontade para falarem também sobre outros assuntos que fossem do seu interesse. Tais entrevistas variaram entre 20 e 30 minutos.

A etapa final consistiu na elaboração de um instrumento com 27 perguntas que abordavam os seguintes temas: relações de trabalho, organização familiar, proximidade da residência a um local de beneficiamento,

relato de sintomas recorrentes, uso de medicamentos, Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) e questões sociodemográficas. As aplicações foram realizadas nos meses de maio, junho e julho de 2015.

3 RESULTADOS

A partir das visitas aos locais de beneficiamento da castanha no Carrilho, foi possível descobrir toda a sua dinâmica. O trabalho é realizado de forma manual pelos beneficiadores em locais chamados de *casinhas*, que são construções baixas espalhadas pela comunidade. O processo possui três etapas principais: a torrefação, a quebra e a despeliculagem. Durante a primeira etapa, o torrefador coloca as castanhas em um tacho de ferro que vai ao fogo. Ele utiliza uma vara de metal de dois metros de comprimento que permite mexer as castanhas eventualmente, além de ajudar no transporte do tacho para o local do resfriamento.

Quando estão prontas, as castanhas ficam em chamas e devem ser jogadas no chão para serem resfriadas com água e, segundos depois, com cinzas. Estas servem para evitar o contato direto da pele com o Líquido da Castanha de Caju (LCC) e também para diminuir a temperatura da castanha, o que possibilita a quebra de sua casca pelos trabalhadores assim que ela sai da torrefação. No processo de quebra, os trabalhadores ficam sentados no chão e apoiam o fruto em uma pedra, utilizando um pedaço de madeira para quebrar a casca e tirar a amêndoa. Por fim, os beneficiadores utilizam o sol ou um pequeno forno para que a pele que envolve a castanha saia mais facilmente. Ela é retirada pelas despeliculadoras com o auxílio de uma faca.

Já sobre as questões sociodemográficas e de saúde, foram entrevistadas 44 pessoas com idade média de 40,3 anos, sendo 86,4% dessa amostra do sexo feminino. De maneira geral, 40,9% dos sujeitos haviam cursado o ensino fundamental, enquanto que 31,8% não são alfabetizados e os demais possuem ensino médio completo (18,2%) ou haviam parado os estu-

dos antes de finalizá-lo. A maior parte da amostra era composta por indivíduos em união estável (n=33) que possuem de um a três filhos (n=24). Além disso, 27,3% possuem mais de três filhos e 18,2% não possuem filhos. No entanto, apesar de terem filhos, muitos não moram com eles, de modo que 18 entrevistados residem com uma ou duas pessoas, enquanto que 34% residem com três pessoas, e apenas 26% moram com quatro ou mais pessoas.

Em relação à ocupação, 45,5% trabalham somente com a castanha, 32% beneficiam a castanha e executam outra atividade e 22,7% trabalham em outras atividades. Em média, os trabalhadores dizem executar essas ocupações há mais de nove anos. Dos 34 trabalhadores que têm como ocupação a castanha, 66,7% afirmam já terem trabalhado ou trabalharem no beneficiamento para terceiros e realizam essa atividade de forma terceirizada por 13,2 anos em média.

Quanto à renda, 50% dos entrevistados possuem uma renda mensal maior do que R\$ 400,00, no entanto, 27,5% recebem entre R\$ 200,00 e R\$ 400,00 por mês e 22,5% não souberam informar, alegando incerteza. Em contrapartida, quando relacionamos renda familiar ao trabalho realizado, nota-se que 64,2% das famílias que possuem o beneficiamento como única fonte de renda ganham mais de R\$ 400 por semana e 28,5% ganham entre R\$ 50 e R\$ 100. A renda em famílias que trabalham ou que já trabalharam para outras pessoas (atravessador) diminuem.

Desse modo, enquanto 54,5% das famílias que trabalham para atravessadores recebem mais de R\$ 400, 81,8% das que trabalham por conta própria possuem uma renda acima de R\$ 400. Além disso tudo, a maior parte dos entrevistados é beneficiada por programas sociais do governo: 68,2% complementa a renda com a bolsa família, 18,2% recebe aposentadoria e 4,5% recebem os dois benefícios simultaneamente.

Quando os beneficiadores foram questionados a respeito de sintomas que o próprio sujeito ou alguém

da família costuma apresentar periodicamente, a queixa do sintoma mais presente nos discursos dos beneficiadores é em relação à “dor na coluna”, que foi citada por 84,1% dos entrevistados, seguida por “dor de cabeça”, a qual foi falada por 75% dos trabalhadores. Em ambas as queixas, os sujeitos especificaram que a dor se mantinha mesmo depois do período de labor. 47,7% relataram tanto “dor nas mãos” quanto “dor nas pernas” e 38,6% queixaram-se de “cãibra” nos membros inferiores.

Já em relação à “fraqueza” e à “tontura”, 34,1% das pessoas afirmaram que, periodicamente, sentem tais manifestações. Os demais sintomas relatados por menos de dez sujeitos foram: “falta de ar”, “tosse seca”, “respiração cansada”, “dor de estômago”, “queimação no estômago”, “dificuldade de abrir os dedos” e “coceira ou vermelhidão na pele”. Ao se tratar da queixa mais citada, “dor de coluna”, verifica-se que 95% dos sujeitos que trabalham apenas com o beneficiamento da castanha afirmaram sentir esse incômodo. Já em relação à segunda maior ocorrência, “dor de cabeça”, nota-se que tais queixas são citadas por 76,5% dos sujeitos que também trabalham com isso.

Em relação à utilização de medicamentos diários, 22 dos sujeitos responderam que tomam ou que possuem alguém na família que faz uso de fármacos para o tratamento de doenças crônicas. Nesse sentido, a doença que mais afeta a população do povoado é a pressão alta, que foi relatada por 31,8% da amostra como estando presente em algum membro de sua família. As doenças respiratórias crônicas (que incluem rinite alérgica, asma e doença pulmonar obstrutiva crônica) foram citadas por 29,5% dos entrevistados. As demais DCNT foram citadas em uma proporção menor: câncer (n=5) e infarto do miocárdio (n=3). Também foi perguntado em relação a aborto espontâneo, o qual foi relatado por 34,2% das pessoas.

Outro problema muito citado foi o uso de drogas ilícitas e o abuso de álcool, os quais apareceram na fala de 11 das 17 pessoas entrevistadas. 10 dessas 11

pessoas citaram a utilização de drogas ilícitas como maior problema, enquanto que o abuso do álcool foi falado por sete entrevistados. Em todos os discursos que levantaram a questão das drogas, percebeu-se que os jovens foram colocados como sendo a maior parte dos usuários. Segundo eles, a falta de emprego e de lazer levava a tal problemática.

Os resultados encontrados nas entrevistas com os moradores foram confirmados no diálogo com o posto de saúde, o qual buscava identificar as principais doenças apresentadas pelos idosos e pelas crianças da região – uma vez que estes são grupos de risco –, além da incidência de DCNT e de acidentes no trabalho de beneficiamento da castanha. De acordo com as agentes de saúde, a hipertensão, a diabetes e o colesterol desregulado são as doenças mais comuns do povoado.

Já em relação às queixas, foi relatado que muitas pessoas sentem dores nas costas e fazem uso de fármacos para minimizar os incômodos. Nas crianças, elas citaram problemas respiratórios e informaram que muitas delas são trazidas ao posto para utilizar o inalador. Informaram também que, no povoado, existem quatro pessoas idosas que estão cegas e que duas tomam remédios para transtornos mentais. No entanto, elas não souberam informar a respeito de acidentes de trabalho, afirmando que nunca foi relatado nenhum caso. Todavia, os trabalhadores por vezes se queimam ou se contundem, porém preferem se automedicar e não comparecem ao posto.

Nesse sentido, muitos entrevistados relataram que não possuem o hábito de ir, periodicamente, ao médico e, por isso, não souberam informar se possuíam doenças, o que dificultou a correlação entre estas e a ocupação laboral que o sujeito possui. Em razão disso, notou-se a necessidade de questionar não apenas sobre as DCNT, mas também sobre os sintomas que podem ser associados à insalubridade do trabalho. Foi percebido que essa dificuldade, apresentada por muitos indivíduos, reside no receio de tomar discernimento dos problemas de saúde. Nesse sentido, a per-

cepção de que o movimento de esquiwa contra a medicina também produz uma evitação da doença pode-se refletir na percepção de risco que esses indivíduos possuem na relação entre saúde, doença e o trabalho.

4 DISCUSSÃO

A atividade de beneficiamento, como foi mostrada por meio das queixas relatadas pelos trabalhadores, apresenta riscos socioambientais e expõe os beneficiadores a situações de insalubridade. Apesar da escassa literatura a respeito dos problemas de saúde que a atividade de beneficiamento pode acarretar, muitos autores pesquisaram trabalhos em atividades análogas que gerassem resíduos e riscos semelhantes.

Nesse sentido, Arbex e outros autores (2004) pesquisaram os riscos de saúde associados à combustão incompleta de biomassa, situação que se enquadra na queima das cascas da castanha de caju feita no processo de beneficiamento do povoado Carrilho. Assim, os autores apontam que essa queima é a principal responsável por liberar para a atmosfera gases tóxicos, material particulado e gases do efeito estufa. Arbex e outros autores (2004) também citam infecções respiratórias agudas, doença pulmonar obstrutiva crônica, pneumoconiose, catarata, cegueira, tuberculose pulmonar e efeitos adversos na digestão como alguns dos efeitos à saúde que estão associados à queima da biomassa durante longos períodos e em locais fechados.

Os resultados mais contundentes do presente estudo apontam em outra direção. Parece ser o fato de ficar na mesma posição durante várias horas o que tem causado mais impacto na condição de saúde, já que a principal queixa identificada foi “dor de coluna”. Apesar do beneficiamento da castanha de caju ser uma atividade potencialmente perigosa e expor a comunidade a riscos socioambientais, em função do método utilizado, não foi possível identificar como essa exposição pode diretamente causar males à saúde dos moradores do Carrilho. O relato das agentes

de saúde sobre as crianças terem problemas respiratórios e necessitarem utilizar o inalador pode ser um indício do impacto da fumaça da queima da castanha.

Por outro lado, o beneficiamento da castanha, também, está relacionado a aspectos positivos em relação à interação e manutenção de vínculos na comunidade, afinal, esse momento também possibilita o contato com amigos e familiares. Devido à alta carga horária de trabalho, muitas famílias aproveitam esse período de labor para conversarem e se aproximarem, ao mesmo tempo em que cuidam do sustento.

Notou-se que alguns moradores trazem, em suas falas, uma perspectiva lúdica do beneficiamento, pois tal atividade promove um fortalecimento dos vínculos afetivos a partir da interação entre as pessoas, principalmente para as mulheres, uma vez que estas possuem poucas opções de lazer na comunidade. Relatando, ainda, que esse aspecto faz com que a percepção da insalubridade da atividade seja menor.

Por fim, conclui-se que a atividade de beneficiamento manual da castanha de caju, tal qual é realizada no povoado Carrilho, pode expor a comunidade que em tal trabalho encontra sua subsistência a uma situação de risco socioambiental, uma vez que essa atividade parece ser realizada em um ambiente insalubre e impróprio para o bem-estar dos seus trabalhadores e de seus familiares. Além disso, ela está, muitas vezes, pautada em uma relação de exploração entre o contratado e o atravessador, o qual não garante ao trabalhador seus direitos, desfavorecendo medidas que minimizem os danos socioambientais. A própria condição do povoado com poucos aparatos públicos reforça essa situação.

5 CONCLUSÃO

Sugere-se que sejam realizadas pesquisas que investiguem com métodos preditivos a percepção de risco dessa população (LIMA, 2005) em relação

ao beneficiamento da castanha de caju e o impacto dessa atividade no bem-estar individual e da comunidade, principalmente, no que tange ao aspecto da saúde. Complementarmente, necessita-se de que seja feita uma avaliação de risco (SOARES, 2007; SILVA; SOUZA; MINETTI, 2002) para identificar com maior clareza os impactos nocivos do beneficiamento da castanha de caju, relacionando isso aos acontecimentos de saúde.

Sugere-se também a investigação da relação dos aspectos econômicos, sociais e dos aparatos públicos no funcionamento da comunidade. A falta de opções de lazer, a carência de fontes de renda alternativas e o consumo de drogas parecem estar relacionados a esses aspectos, bem como a existência do atravessador. O seu entendimento pode favorecer o desenvolvimento local dessa comunidade (ÁVILA, 2006). Além disso, é necessário pesquisar o papel do Estado em razão de sua importância no processo de desenvolvimento local. As observações indicam que a falta de fornecimento dos aparatos públicos básicos e aqueles fornecidos são precários, o que pode implicar a manutenção da situação de vulnerabilidade social da comunidade do Carrilho.

Finalmente, acredita-se que o trabalho tenha conseguido atingir os objetivos almejados, investigando as principais queixas de saúde do beneficiador da castanha, além de levantar as Doenças Crônicas Não-Transmissíveis de maior ocorrência no povoado. Nesse sentido, espera-se que os resultados encontrados chamem a atenção para as condições do trabalho rural como um todo e da carência de infraestrutura das comunidades, de maneira geral, que sobrevivem do trabalho artesanal, manual e familiar.

REFERÊNCIAS

ARBEX, M. A. *et al.* Queima de biomassa e efeitos sobre a saúde. **J. bras. pneumol.**, v.30, n.2, São Paulo, 2004. p.158-175. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-37132004000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: set. 2014.

ÁVILA, V. F. **Cultura de sub/desenvolvimento e desenvolvimento local.** Sobral: UVA, 2006.

CABRAL, T. D. M. **Avaliação dos constituintes e do potencial mutagênico do material particulado oriundo do beneficiamento artesanal da castanha do caju.** 2010. 108 f. Tese (Dotourado em Ciências; Patologia) – Faculdade de Medicina de Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

COSTA, R. R. C. *et al.* Desenvolvimento de um máquina de decorticação de castanha de caju. **Congresso Nacional de Engenharia Mecânica, 2,** João Pessoa, 2002.

GALVÃO, M. F. D. O. **Avaliação do potencial genotóxico e citotóxico associado a queima artesanal da castanha de caju no Município de João Câmara.** 2011. 116f. Dissertação (Mestrado em Bioquímica; Biologia Molecular) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

HESSE-BIBER, S. N.; JOHNSON, R. B. (Ed.). **The Oxford Handbook of Multimethod and Mixed Methods Research Inquiry.** Oxford University Press, 2015.

JESUS, E. A.; SANTOS, L. J. Políticas públicas e a análise do trabalho precário no beneficiamento da castanha de caju, no município de Itabaiana-SE. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 21, Uberlândia, 2012. **Anais.** Uberlândia: UFU/LAGEA, 2012.

LIMA, M. L. P. **Percepção de riscos ambientais.** In: SOCZKA, L. (Ed.). Contextos Humanos e Psicologia Ambiental. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

SILVA, K. R.; SOUZA, A. P.; MINETTI, L. J. Avaliação do perfil de trabalhadores e das condições de trabalho em marcenarias do município de Viçosa-MG. **R. Árvore**, v.26, n.6, Viçosa-MG, 2002. p.769-755.

SOARES, M. O. S. **Impactos socioambientais das casas de farinha no desenvolvimento das comunidades de Campinhos e Simão – Vitória da Conquista (BA)**. 2007. 96f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2007.

Recebido em: 11 de janeiro de 2016
Avaliado em: 12 de janeiro de 2016
Aceito em: 14 de janeiro de 2016

1. Engenheira Ambiental, Universidade Tiradentes; Estudante de graduação, Bolsista Pibic, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe. E-mail: carolinaseixasrocha@gmail.com
2. Estudante de graduação, Bolsista PibicVol, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe. E-mail: joelmaagape@hotmail.com
3. Estudante de graduação, Bolsista Fapitec, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe. E-mail: katianecosta09@gmail.com
4. Estudante de graduação, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe. E-mail: lucasrr97@gmail.com
5. Doutora em Psicologia; Professora Adjunta IV, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe. E-mail: zenith@ufs.br